

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVITY IN THE TEACHING LEARNING PROCESS

Isabela Zanon de Souza¹

Milena Gomes²

Vanessa Cristina Treviso³

RESUMO

A presente pesquisa objetiva investigar como as relações afetivas contribuem para o processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que o educando requer a participação ativa no seu desenvolvimento humano e integral e, o professor é agente mediador na construção desse conhecimento. Nesse sentido, a aprendizagem deve ser norteada por práticas dialógicas, afetivas e de reciprocidade, em que o professor medeia, orienta e atua como facilitador durante o processo, na qual a afetividade é imprescindível para a obtenção de sucesso na aprendizagem, pois o educando se sente respeitado e ouvido nos seus anseios bem como nas necessidades humanas e educacionais. Assim, o trabalho é de natureza qualitativa, em que por meio da pesquisa de campo, buscou-se a coleta de dados sobre a temática abordada, analisando-os a partir das referências de La Taille (1992); Miranda (2008); Regina (2013); Caldeira (2013). Nesse sentido, observou-se que as educadoras entrevistadas priorizam o desenvolvimento de relações permeadas pela afetividade para a manutenção de um bom convívio diário e êxito do processo de ensino-aprendizagem. Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Ensino. Facilitador.

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: isabelaeaimar07@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: milllenna243@gmail.com

³ Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: vctre@ig.com.br

ABSTRACT

The research aims to inspect how affective relationships contribute to the teaching-learning process, considering that the student requires active participation in their human and essential development, and that the teacher is a mediating agent in the construction of this knowledge. In this sense, learning must be guided by dialogical, affective and reciprocity practices, in which the teacher mediates, guides and acts as a facilitator in the process, in which affection is essential for achieving success in learning, as the student feels respected and heard in their human and educational needs and desires. Thus, this research has a qualitative nature, based on the references of La Taille (1992); Miranda (2008); Regina (2013); Caldeira (2013), and through field research, through analysis of the data collected using interviews, it was observed how this theme is approached in practice, during schooling, in which it is extremely important for all educators and to maintain a good daily contact, taking into consideration that all teachers already use this tool that allows numerous benefits.

Keywords: Affectivity. Learning. Teaching. Facilitator.

1 INTRODUÇÃO

Anteriormente o educador apropriava-se dos mecanismos tradicionais de ensino, em que se perfazia num mero transmissor de conhecimentos e apresentava os conteúdos de maneira pronta e acabada, com pouca ou quase nenhuma estratégia metodológica, depositava essas informações e desconsiderava o poder de questionamento dos alunos, uma vez que não tinham voz dentro da sala de aula. O vínculo entre professor e aluno era restrito e totalmente mecânico.

Esse contexto se modificou e, assim os educadores buscam utilizar parâmetros embasados numa escola mais inovadora, na qual o objetivo é claramente estabelecido em proporcionar ao aluno durante todo seu processo de aprendizagem, uma educação mais humanizadora, com estratégias que desenvolvam a capacidade de criação e envolvam a cooperação, tornando o aluno motivado, com interesse pela participação nas aulas, tendo em vista que as atividades são lúdicas, reflexivas e o

coloca como protagonista do processo. Nesse sentido, o professor se aproxima do aluno e suas relações se pautam na parceria e companheirismo.

Assim essa ligação não é focada somente no professor e aluno durante a educação escolar, mas sim sobre a socialização do indivíduo como um todo para o seu processo de desenvolvimento integral. Afligindo sobre a temática, Piaget (1977) destaca que “O ser social de mais alto nível é justamente aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada.”

Conquanto, para uma socialização colaborativa, o educador deve proporcionar aos educandos condições pedagógicas que sejam favoráveis a um convívio baseado no respeito. A despeito sobre ser fundamental a relação afetiva, Miranda (2008, p. 2), salienta:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

Desse modo, a pesquisa busca responder às questões: a afetividade é realmente importante para garantir uma aprendizagem mais significativa e exitosa? Os professores concordam e buscam estabelecer relações afetivas no processo educativo?

Com isso, o referencial teórico se fundamenta de acordo com La Taille (1992); Miranda (2008); Regina (2013) e Caldeira (2013) em uma análise dos aspectos importantes para a aprendizagem a partir da atuação do educador dentro da sala de aula e das intervenções originadas das relações com os alunos. Assim, a dimensão do processo de ensino e aprendizagem, busca conclusões de acordo com Wallon, Freire e Vygotsky referências não somente sobre a relevância da educação como também do professor como mediador, incluindo pesquisas que relatam sobre a importância da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem e associando-as com uma pesquisa de campo no que ocorrerá para que seja possível realizar uma análise de como é a mediação dos professores e sua relação com seus alunos dentro da sala de aula.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Afetividade e aprendizagem

Acredita-se que a afetividade adquire um papel imprescindível no ser humano, em que é considerada como um método progressivo com o propósito de desenvolver uma prática pedagógica. Assim, o aluno revoga-se advindo da influência cognitiva, em razão de no mesmo instante tornar-se mais suscetível a aprendizagem.

De acordo com Piaget (1977, p.16), a afetividade possui grande relevância no desenvolvimento e desempenho da intelectualidade, pois a vida afetiva e a vida cognitiva são essenciais mutuamente, apesar de serem distintas.

Diante da concepção de Winnicott (1971), a afetividade determina as necessidades e os interesses pessoais do ser humano, pois por meio dela, o indivíduo transforma suas necessidades afetivas e cognitivas.

O construtivismo situa-se interligado com a afetividade, se constituindo através das vivências, dos atos comunicativos e do contato físico, nos quais são responsáveis em expor as culturas, as convicções e os princípios, onde todos são aptos de incumbir as relações e que por conseguinte incumbem a aprendizagem.

Assim, é necessário que o educador conheça seus alunos e suas particularidades, para que ele conceba com total convicção que o afeto é um meio para aprendizagem e a partir disso, consiga alcançar a confiança de seus alunos e conseqüentemente obtenha um diálogo afetivo, visto que, o estímulo transforma a prática pedagógica e contribui no âmbito educacional.

De acordo com Cunha (2008, p.67):

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, é a vivência das experiências que amamos e que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

Diante das afirmações de Cunha, a partir do desenvolvimento do afeto, o aluno sente-se amado e isso contribui para que seja adquirido o desejo de aprender, elevando sua autoestima e bem-estar.

Sabe-se que ensinar de maneira significativa é de extremamente importância, assim, o educador precisa estar atento em todos os momentos, obtendo diferentes percepções, caso o aluno tenha algum tipo de frustrações, identificando sobre o sucesso da aprendizagem de seus alunos, buscando novos caminhos para solucionar as dificuldades, sempre elaborando meios para melhorar a aprendizagem. Outro fator importante é levar em consideração a sensibilidade durante o acompanhamento evolutivo dos alunos, motivando-os para propiciar uma sensação de serem capazes.

Assim, percebe-se que o professor que trabalha de diferentes maneiras para engajar a prática pedagógica com a afetividade, promove grandes transformações. Logo, é necessário dispor de uma atuação diferente em cada um dos casos que intercorrem diariamente, pois o que afeta o aluno automaticamente afeta o professor mutuamente, e devido a este fato, desenvolver ações e planejamentos que favoreçam o processo ensino aprendizagem e criar adequações didáticas é essencial para o reconhecimento e desempenho da relação professor e aluno.

Entende-se que a afetividade se situa plenamente ligada a aprendizagem, no entanto, a ausência dela, por sua vez, processa-se tanto em posições positivas quanto negativas, sendo capaz de bloquear ou acelerar o aprendizado.

É essencial que o professor entenda que é fundamental analisar em quais aspectos a construção de valores e a afetividade acontecem em sala de aula, pois há diversas culturas, crenças, opiniões e classes econômicas. No entanto, o educador deve transformar a sala de aula, estimulando a capacidade reflexiva dos alunos e apresentando constantemente uma saída para os conflitos diários.

Visa-se também que as áreas das disciplinas conteudistas focada somente na competência técnica e não se fazendo presente a afetividade, dificulta as possibilidades das ações pedagógicas.

De acordo com Wallon (1992), há um acontecimento na escola designado de "atitude de oposição", em que as situações de conflitos escolares sucedem no momento em que há um motivo concreto, seja ele a ausência da relevância em relação as aulas ou até mesmo os professores autoritários, desta forma, torna-se crucial a escola atuar diretamente nas questões intituladas à construção do sujeito e suas concepções.

O professor similarmente aufere atribuição em salientar interesse por seus alunos, seja através de gestos ou palavras, dado que, o aluno carece não somente deste mesmo interesse de seu professor, como também o diálogo e o bom humor.

Existem inúmeras ocorrências de justificativas de pais ou familiares que se empregam em sua ocupação profissional ao longo do o dia e, em consequência não possui tempo para seus filhos, conferindo à escola o comprometimento de construir convenções de valores éticos, educacionais, sua formação política e sua contemplação a cidadania. A discrepância entre pais e escola a respeito da atribuição de ensinar determinadas concepções é uma das maiores adversidades que impossibilitam o desenvolvimento do discente em toda sua extensão.

Sendo assim, é relevante compreender que a escola é incumbida por amplificar as aptidões e as capacidades dos alunos de acordo com as temáticas abordadas e ainda substanciar conceitos íntegros e morais, no qual deveriam ser conduzidos da familiaridade, visto que é o eixo social primordial que a o aluno se envolve e a partir dele é que se exprimem as primeiras convicções do indivíduo.

Por conseguinte, Borba (2015, p. 32) enfatiza que:

[...] o desenvolvimento cognitivo ocorre juntamente com o desenvolvimento afetivo, e que não é possível separar razão e emoção. Sendo assim entende-se que todas as relações devem ser permeadas pela afetividade, quer sejam de ordem familiares, profissionais ou pessoais. (BORBA, 2015. p. 32)

Cogitando as particularidades substanciais da prática de instruir-se e retratar a respeito do vínculo que se encontra por meio da afetividade e da aprendizagem, o afeto perdura sobre o engajamento pessoal e profissional do educador e muito além da relação de amizade e carinho. O professor tem de reverenciar a favor do seu fazer docente, cumprindo de maneira competente e expondo respeito pelo aprendiz como um indivíduo de múltiplas capacitações.

O educador tem de que colocar como um mediador que demanda de seus afazeres, empregando-os na conexão que o despertou a efetuar sua posição social, no qual suas concepções procuram buscar e criar mecanismos para que todos seus alunos adquiram a dedicação crucial que os levará ao desenvolvimento de suas inúmeras habilidades.

As vivências afetuosas dos fundamentos se desenvolvem de acordo com as vinculações que os indivíduos constituem em torno dessas relações, atribuindo

discernimentos para si mesmo. As características destas relações deliberadas propiciam para que o indivíduo contextualize e ratifique com seu docente, ponderando a retribuição desta relação.

Os fenômenos afetivos estão intimamente ligados com a qualidade das interações entre sujeitos e suas vivências, o que confere aos objetos culturais um sentido afetivo. Desta forma, as conquistas do campo afetivo são utilizadas no campo cognitivo e o contrário também ocorre como em um entrelaçamento entre os dois.

Desta maneira, Leite e Tassoni relatam que:

[...] a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE; TASSONI, 2000, p. 9-10).

O aprendiz necessita de experienciar a atuação enérgica de sua família e de sua escola em suas vivências, tendo em vista que, esta é a fundamentação essencial para que o aluno adquira o desenvolvimento emocional, social, ético e cultural. Assim, quando a família se envolve na vida escolar de seu filho, conseqüentemente é despertado no discente autoconfiança e autonomia e, assim, constituindo a capacidade de instituir vínculos positivos com seus educadores, amigos e toda comunidade escolar. Neste momento o aluno passa a dispor da afeição pertinente, ou seja, ele compreende e concede que ele pertence àquela local. À vista disso, quando é substancial a envoltura afetiva dos pais e dos professores na vida do aluno, este aspecto auxilia em torná-lo um sujeito conhecedor.

Siqueira e Silva Neto (2011, p. 12) destaca que: A afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade.

La Taille (1992) salienta que não é conveniente desagregar afetividade e aprendizado, remata em suas aquisições que a afetividade é imprescindível em todos

os seres humanos e está perpetuamente existente nas experiências vivenciadas pelos indivíduos na ligação com o “outro social”, por toda sua existência.

Uma relação conveniente entre família e escola, ocasiona sustentação para que a evolução do aprendizado do aluno seja otimizada. Sendo assim, os professores e pais necessitam contemplar intervenções, atendendo seu dever utilitário, resultando em procedimentos de assistência mútua.

Pensando nisso, a escola dispõe do compromisso de se empenhar na formação social e pessoal do aluno, no entanto, essa ocupação necessita fazer-se agregada à família, para que assim seja praticável o desenvolvimento da criança como um sujeito questionador, introspectivo e consciente. Isto posto, a inserção da família na comunidade escolar contribui no ensino dos alunos. Assim, faz-se necessário o educando sentir a escola como acolhedora, fazendo-a como uma prorrogação de sua habitação, a fim de que essa associação emocional advém em sua integridade pessoal e social.

Deste modo, Polonia e Dessen (2005) alegam que:

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa. A família não é, portanto, o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 304).

No processo de construção de conhecimento, o valor da interação entre educador e educando é evidente. Em síntese, pensando nas ações dos professores para uma educação de boa qualidade, é sempre fundamental atribuir a afetividade nesse processo de construção como elemento essencial, na qual este vínculo tem uma grande contribuição para o desenvolvimento pleno do aluno, que deve se tornar um elo com todas as disciplinas, sendo indissociável; desta forma não se pode trabalhar de maneira separada, não se pode deixar com que a afetividade e a inteligência se oscilem separadamente.

Conforme Arantes (2003, p. 58), que menciona a respeito das concepções de Piaget, entende-se que a afetividade e a inteligência são duas propriedades relevantes para se trabalhar em conjunto quando trata-se de relações dos indivíduos, adequando-se por meio das interações. Se adaptando consigo mesmo e conseqüentemente com outras pessoas também, e desta maneira, combatendo as dificuldades tanto pessoais como profissionais, assim superando as limitações que atrapalham para a continuidade da evolução do indivíduo, na qual o educador deve realizar gradativamente a conquista da confiança dos educandos através do processo aliado com a afetividade, embasado por meio da compreensão, respeito, paciência, autonomia, cuidado e carinho entre professor e alunos.

Em suma, observando a forma em que se expressam mediante os seus interesses, através do avanço dos alunos. Nesse sentido, é ideal que a professor trabalhe com as funções de estímulos, incentivadora, orientadora e mediadora, valorizando o esforço de cada um, de maneira individual, como também nos trabalhos realizados em grupo.

Partindo para o pressuposto do relacionamento entre aluno, aprendizagem, sala de aula e professor no contexto afetivo, vai muito mais além dos conflitos diário de apatia, desinteresse, casos de evasões, falta de atenção, discussões sem coerências, desorganização e alvoroço, levando em consideração sempre que os alunos precisam de cuidado e interesse, isso é ideal começar partindo do educador, que tem um papel que entra em ênfase, como influenciador na vida dos alunos que automaticamente tem uma função de servir como espelho para os discentes, exemplo a ser seguido, que diante das ações estabelecidas do educador que o aluno se sentirá mais apto para aprender, mais acessível por vontade própria, receptivo e mais participativo à disciplina ministrada durante o ano, pensando no futuro de cada um, irá fazer diferença, por isso é ideal existir sempre a participação do professor.

Essa relação é extremamente importante para qualquer estudante, independentemente do nível de formação escolar, desta maneira a aprendizagem vai se tornando cada vez mais eficaz, passando para uma maior valorização e comprometimento de ambas as partes. Levando em conta que a responsabilidade de aprender é do aluno e através do professor mediador, amplia a auto realização.

Durante todo o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, todos que estão envolvidos trocam conhecimentos, informações, experiências, sendo assim o

desenvolvimento afetivo das aulas flui da melhor maneira, contribuindo para a motivação da turma, garantindo um ambiente saudável, mais agradável, favorecendo para um espaço de aprendizagem significativa, com tratamento respeitoso e livre para a expressão dialógica.

2.1.1 O professor, a afetividade e a aprendizagem

A relação entre professor e aluno envolve dimensões inteiramente ligadas ao processo ensino aprendizagem, no qual se enriquece em sala de aula. Em muitas ocasiões, torna-se considerável evidenciar as condutas formais da atividade docente, promovendo o aprendizado, estimulando e auxiliando os alunos a aprender. O posicionamento do professor e as metodologias que utiliza, de acordo com Morales (2006), influirá nos mecanismos que conduz a sala nas particularidades e na impressão de sua relação com os alunos.

De acordo com Bariani e Pavani (2008), no processo ensino-aprendizagem a relação é evidenciada por meio da intervenção existente tanto do professor com relação ao aluno, como do aluno sobre o professor e por conseguinte, efeitos recíprocos.

Tem de se ponderar que as interações deliberadas por meio dos alunos também determinam a estruturação do discernimento deles. À vista disso, torna-se impreterível se posicionar de maneira atenciosa em relação a cingir dessa vinculação (MORALES, 2006).

Como consequência, no ápice que se designar o diálogo, em concordância com os autores Bariani e Pavani (2008), surge a associação das condutas do mentor e do educando, destinando relevância das ocorrências interpsicológicas, ou seja, a relação entre os indivíduos socialmente. Apesar do educador ser um indivíduo suscetível à disparidade do discente, a evolução psicológica se segue da eventualidade de efetuação futura, decorrente da comunicação da relação professor e aluno.

A forma como a educadora atua junto de seus alunos em sala de aula necessita se basear em como esse desempenho é essencial para a prática, expondo que o docente e o discente são significativos e ambos dependem um do outro para a aprendizagem.

A assiduidade do educador em sala de aula não deve se fazer meramente como superioridade, mas sim, diariamente buscar formar laços de amizade com os educandos. Um grande exemplo relatado por Freire (1997), é no instante em que o educador como autoridade fala com aluno. Além disso, é significativo que o professor inclua o diálogo para com seus alunos. Acerca dessa categoria de educadora, que dispõe da flexibilidade ao diálogo, o autor salienta que: [...] ela sabe que o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe (FREIRE, 1997, p. 59).

O vínculo entre professor e aluno se atribui por meio das demonstrações de carinho, de afeto, da comunicação e em múltiplas vertentes significativas no sentido de conceber uma ligação de afeição no meio de seres habituais.

Vale destacar também, os aprendizes que apresentam qualquer tipo de dificuldades de aprendizagem cognitiva, física, mental ou qualquer outro problema que atrapalhe no processo de aprender. A afetividade, nesse sentido, é uma ferramenta que se torna muito mais fundamental e eficaz para estes casos, é ideal na utilização entre professor e aluno no procedimento escolar, com diálogo, dando liberdade para se expor diante de cada situação, questionar, trocas de experiências, sendo algo transformador, desempenhando o respeito e a educação, tornando o âmbito escolar em um ambiente deleitoso e agradável para todos.

Portanto, é uma vertente interdisciplinar que o afeto é um recurso indispensável para o desenvolvimento global do estudante, que faz parte de um conjunto da participação de interações entre a família e toda a equipe escolar. Ainda com o Ministério da Educação (2007, p. 112):

Outro aspecto é o fato de as pessoas aprenderem de formas diferentes, porque têm tempos também diferentes de aprendizagem. Variar, então, a forma de organizar o trabalho e seu tempo didático pode criar oportunidades diferenciadas para cada estudante, o que pode representar um ganho significativo na direção da formação de todos, sem excluir nenhum estudante. (BRASIL, 2007)

O educador usa essa estratégia ao seu favor, despertando mais interesse nas crianças, atenção, concentração, e se tornando significativo na vida particular, a cada momento juntos, de forma prazerosa, refletindo sempre no individual, deste modo passando a confiança, como também no grupo todo, e destacando também que se

torna mais agradável e motivador para o educador, através das observações feitas por ele mesmo sobre os bons resultados, proporcionando mais ações pedagógicas, intencionado sempre para a melhoria, neste caso, para a turma, isso acontece como uma via de mão dupla, uma mão lava a outra, sendo recíproco em ambas as partes, ou seja, se uma das partes mostra resultados, o outro indivíduo conseqüentemente responde de alguma forma.

Estes benefícios acontecem através da troca de diálogos, ampliando o espaço para o aluno se expressar, dar opiniões, sugestões, trocas de experiências, ou até mesmo sobre assuntos pessoais, trabalhando com a realidade, distinguindo a tolerância, que diante a afetividade não tem pré-conceitos, revelando que a permanência da conversa é igualitária para todos, todos com o mesmo valor, não desenvolvendo a hierarquia dentro da conversa, deixando os discentes como centro, como os sujeitos ativos na construção de conhecimentos, protagonistas, e o docente como facilitador da aprendizagem.

Em concordância com o Aquino (1996, p. 157):

Professores ensinam sim, mas uma matéria incorpórea e a indelével. Ensinam, talvez, uma forma muito peculiar de amor: o amor pelo exercício mesmo do pensar, um amor intransitivo que dispensa objetos e que os confunde com o próprio conhecimento.

É fundamental o educador portar uma visão ampla, pensando sempre no bem-estar da criança, fazendo com que ele se sinta especial, por isso, é importante levar em consideração o seu desenvolvimento e como é sua vinculação com sua família, para que assim, o processo de cada fase de seu desenvolvimento continue acompanhada pela afetividade.

Ao contrário do que se pensa, é uma tarefa necessária, entender o outro, entender o que se passa na vida do aluno. Para Aquino (1996, p.151), a figura do professor, passa a enxergá-lo como um espelho, promovendo metodologias capacitando transformações no discente, troca de atenção e respeito, ficando mais seguros, tranquilos; afetividade está presente no habitual da sala de aula, expor por meio de atitudes, ações, que se importa com seus sentimentos, seus princípios, é preciso salientar que o docente não está ali somente para conduzir conhecimentos, mas está para incentivar, reconhecer, engrandecer, valorizar, e apoiar, para um crescimento pleno de cada criança.

O docente certificando que demonstra todo esse amor, e carinho, faz com que impulse o progresso entre as aulas diárias, fica mais tranquilo, motivador, fomentador, mobilizando assim a participação de todos de forma voluntária, a partir da própria vontade de cada um de se envolver cada vez mais nas aulas, cooperar de modo ativo durante todo esse processo de ensino-aprendizagem. Conforme La Taille et al. (1992, p. 33):

A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas. O processo de ensino-aprendizagem que ocorre na escola propicia o acesso dos membros imaturos da cultura letrada ao conhecimento construído e acumulado pela ciência e a procedimentos meta cognitivos, centrais ao próprio modo de articulação dos conceitos científicos.

Articulando o papel que a escola estabelece, o docente cumprindo sua função dentro da sala de aula, e prestigiado como influenciador na sua aprendizagem e consequentemente na vida do aluno por completo, atuando como um exemplo para o desenvolvimento transversais, que integra por todos os processos. O pedagogo pode ser a fonte de motivação para as crianças, levando em consideração com o desempenho, por conta de empecilho que está relacionado com a autoestima, medo e sem esperança de si mesmo, que impede ou acontece de uma forma mais lenta que o esperado a aprendizagem, por isso é essencial proporcionar uma orientação educacional pelo próprio professor, que faça parte de estímulos sócio afetivos que contribuem para o autoconhecimento, identidade pessoal, e por consequência trazendo de volta o engrandecimento da autoestima, para que assim beneficie na construção do conhecimento.

Outra preocupação constante que Arantes (2003, p.35) argumenta, “Os problemas de aprendizagem parecem ser hoje a grande peste educacional de nossos tempos, a grande denúncia de que há algo de podre no reino da educação”. Refletindo sobre a afetividade dentro do âmbito escolar e com a participação da família, é de suma importância avaliar, diagnosticar cada caso e buscar soluções cabíveis com a realidade, na medida do possível. O processo professor e aluno acontece de uma maneira intencional, então o fato do educador ter passado o conhecimento não possibilita que o aluno aprendeu, entretanto, o diferencial se encontra na forma em como esse conhecimento foi passado, com amor, dedicação, desempenho, e a

participação dos alunos, a troca de experiências, revelando as razões do porquê aprender.

Em contrapartida, o vínculo entre professor e aluno não deve ser constituído por meio de exigências ou por obrigações, o ideal é que este elo seja adquirido através de auxílios e da participação do educador para um processo de construção de crescimento, garantindo um ambiente enriquecedor e assegurando um vínculo de confiança entre ambos, e assim, transformando os conteúdos em algo estimulante.

Da mesma forma é viável otimizar práticas com asserções relativas às disciplinas que os educandos se expuseram, de maneira a consentir que o professor conheça a fundo o que eles vivenciavam fora dos ambientes escolares.

Diante da ideologia de Freire (1997, p. 53), relata que procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem.

Assim, a relação é imprescindível e não advém de maneira isolada, objetivando que cada método de transformação da realidade escolar terá de abranger como uma de suas convicções o enaltecimento da prática de ensinar.

Conforme Perrenoud (1993, p. 25), ensinar é, antes de mais, fabricar artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis, e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho.

O desenvolvimento de ensinar origina em uma inovação de métodos para contemplar a sala de aula, para que deste modo, o local de estruturação do discernimento suceda, fazendo-se essencial que o docente retifique suas estratégias de lecionar e de planejamento de seus ensinamentos. À vista disso, concebe-se que o aprendiz é a fonte dominante e dirigente pelo conhecimento e o elemento compositor da formação, sendo constituída diante de uma afável relação.

O professor tem de se atentar as maneiras de preparar o educando e de que modo ele necessita se estruturar como sujeito, preocupando-se com as estratégias, mecanismos e de que forma irá suceder a avaliação a fim de um ensino de qualidade, tornando considerável basear a aprendizagem em uma agradável relação por meio dos componentes que contribuem para o processo, tratando-se dos alunos, do

professor, dos colegas de turma, da comunicação, da contribuição, da participação, das atividades, das brincadeiras e do respeito mútuo.

O mecanismo de ensinar apresenta-se agregado na alienação da comunicação oral das aulas expositivas, por meio de leituras, seja de artigos ou de livros. A avaliação é empregada como um método de averiguar o que foi estudado nas aulas, por intervenção de provas convencionais e notas classificatórias.

O processo de cognição propõe conhecimento da área cognitiva em compreender como o ser humano pensa, reflete, contrapõe, crítica, fundamenta e se opõe. Demanda além disso, a percepção da área de habilidades humanas com o intuito de formular e expor trabalhos. Neste meio, também há a avaliação no qual está interligada no processo de aprendizagem, fazendo-se ponderado o planejamento e a realização de forma integrada ao sistema contínuo, admitindo o erro como oportunidade de evolução e aprendizagem. Esta avaliação sucede por meio de produção de textos, atividades, trabalhos, relatórios, resultados de pesquisas, como entre outros.

A aula de acordo com Abreu e Masseto (1990) deve ser considerada como uma realidade, tornando-se um espaço no qual suscita, contribua e incentive a assistência, a discussão, o estudo, a indagação, o debate e o enfrentamento das evoluções e das transformações, tornando-se um local aberto e acessível, que se desenvolve mediante as vivências, situações, reflexões, estudos e conceitos nas proximidades dos alunos e professores, convertendo-se em um ápice de mão dupla, ou seja, obtém o concreto, real, concentra-se na ciência e possibilita uma nova perspectiva de transformação.

A classe do ambiente escolar atua com o trabalho em equipe, evidenciado nas vivências das disciplinas, introduzindo-se em sua realidade, nas viabilidades, nas propensões e nas adversidades dos alunos, objetivando a formação do aprendiz e cogitando em uma avaliação integralmente pertencente das finalidades didáticas.

Ponderando ainda que, faz-se essencial considerar algumas vertentes com o intuito da concepção dos ensinamentos, entrelaçando o processo de aprendizagem, portanto, como convicção de que ela não advém sem que decorra dos desígnios, das temáticas, dos mecanismos de ensino, da avaliação e das referências bibliográficas.

Pensando neste embasamento, também torna-se necessário para a preparação de uma aula de qualidade o conhecimento de turma, o conhecimento profundo do conteúdo de que ensina, conhecimento de procedimentos básicos e

coerente sobre a natureza dos conteúdos, conhecimento sobre os procedimentos da avaliação que verifica se os alunos atingiram os objetivos, conhecimento do valor da interação professor-aluno como elemento facilitador da aprendizagem e o conhecimento da importância do trabalho como professor na sala de aula.

O professor tem de adquirir discernimento acerca de seus alunos, ponderando a competência da evolução intelectual do aluno, promovendo circunstâncias nas quais excedam os obstáculos, categorizando as dificuldades e se atentando às mudanças de comportamento.

É conjuntamente notável que o pedagogo abranja seus conhecimentos relacionados aos conteúdos que são lecionados, buscando uma constante progressão, atraindo percepções das técnicas básicas e coerentes com a natureza dos conteúdos a partir dos graus de dificuldades, enriquecer os procedimentos de avaliação como um seguimento e não unicamente como uma nota e desenvolver técnicas pertencentes a importância do professor e aluno, situando-se consciente da função que possui devido ao fato de já adquirir conhecimento no âmbito de estudo, considerando sua atuação profissional e se aperfeiçoando.

Segundo Sacristán e Gómez é de grande relevância compreender que:

É preciso transformar a vida da sala de aula e da escola de modo que possam vivenciar-se práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, o contraste, à iniciativa e a criação (1996, p. 32).

O educador que compreende a prática correta da metodologia de aprender, conduz sua preocupação direcionada para o aprender, já que desta forma ele se atenta com o processo de crescimento e evolução do aprendiz como uma integralidade, dirigindo-se em receber os fundamentos, as competências, as ações e os valores. Assim, prezando as progressões das relações sociais com o entendimento da fundamentação da constituição de interação daquele que ensina junto daquele que aprende, dispondo como embasamento da maneira de como as ideologias se correlatam com o que o aprendiz já conhece.

Seguindo este aspecto, a aprendizagem parte de uma perspectiva de um procedimento no qual o indivíduo se adequa dinamicamente do conteúdo efetivo, tangendo o aprendiz como impulsionador fundamental e intendente pela

aprendizagem, dando-se ratificado por intervenção da idoneidade, eventualidade, primordialidade e oportunidade de condições para que transcorra a aprendizagem.

Este ofício demanda abundantemente do professor, visto que ele necessita ser um depositário de suas temáticas de ocupação e saber se relacionar de forma cabível. Tais intervenções irão alterar o âmbito escolar em um lugar agradável do que o que ocorre eventualmente, sucedendo com aulas participativas, idealizadas e exercidas, gerando preocupação a ação de aprender, desempenhando um trabalho conjuntivo e participativo, no entanto, é crucial que o discente se sinta envolvido no processo.

Sendo assim, entende-se que a aula supõe conhecimento de um conjunto razoável de técnicas pelo educador, domínio e sua aplicação, adaptação, das técnicas e criação de novas adequações dos conteúdos a serem trabalhados.

Com relação a formação do professor, é necessário fazer-se conceituado como um indivíduo que se mantém em processo de formação incessante, se beneficiando da cogitação da intervenção e da reflexão sobre a ação. O mentor que entabula relacionamento, define notoriamente suas colocações, assim, modificando os comportamentos entre o formal e o informal, em consequência, aperfeiçoando sua estabilidade, flexibilidade, autoridade e sua autonomia, expondo amar o que faz e expondo sua energia continuamente na prática diária, visto que, incentivando seus alunos conseqüentemente eles similarmente irão enaltecer seu trabalho.

Concebendo esta contingência como princípio, é notável apresentar alguns conceitos da prática a serem seguidos pelo educador, para que seja plausível construir uma vinculação pedagógica com seus alunos, dispondo como ideologia proporcionar e encorajar a participação dos alunos no processo de aprendizagem, considerar suas bagagens e sua contribuição, aperfeiçoar um aprendizado significativo, estabelecer simultaneamente com os alunos os desígnios, propósitos a alcançar e amplificar aulas participativas com a assistência da turma.

3 METODOLOGIA

Com o intuito de observar como os professores compreendem a relação da afetividade e do processo ensino-aprendizagem, foi elaborado um formulário de modo totalmente remoto devido a pandemia ocorrida do Covid-19, e aplicado através do Google Forms para professoras de uma escola de educação básica. Em torno da

entrevista, atribuiu-se atenção em consolidar discussões a respeito da importância da afetividade no processo ensino e aprendizagem, no qual se organizou com questionamentos de respostas pessoais. As informações buscadas pautaram-se nas vivências, nas concepções e atuações dos professores na prática docente, abrangendo como objetivo a compreensão de como são estabelecidas as relações entre professor e aluno em sala de aula e a importância dada pelos professores para essa questão, tendo em vista o aprendizado dos discentes.

A entrevista ocorreu com professoras do Colégio Cecília Meireles, localizada na rua Natividade Arantes, no bairro Jardim Simões, com questões respondidas por quatro professoras, que atuam desde a educação infantil, no ensino fundamental I e na coordenação.

3.1 PARTICIPANTES

Quatro professoras da escola “Colégio Cecília Meireles”, que lecionam para a Educação Básica, especificamente nas modalidades da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, foram convidadas a participar de uma entrevista, em que responderam a um questionário acerca da afetividade relacionada ao processo ensino-aprendizagem. A entrevista contemplou as perguntas e o termo de conscientização, levando em consideração as respostas negativas e positivas das educadoras, tendo em vista as opiniões e caráter próprio de cada uma delas.

3.2 COLETA DE DADOS

A entrevista foi elaborada e aplicada por meio do Google Formulário e apresentado para as professoras de modo totalmente remoto em razão da pandemia pelo Covid-19. Em torno das perguntas, atribuiu-se atenção em consolidar discussões a respeito da importância da afetividade no processo ensino e aprendizagem, na qual as respostas das entrevistadas pudessem representar suas concepções pessoais sobre o tema em pauta. As questões buscaram abordar as vivências pedagógicas das professoras, suas concepções e atuações na prática docente, no sentido de compreender como essas educadoras consideram e desenvolvem uma relação afetiva com esses alunos, bem como as consequências advindas de suas posturas adotadas.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A afetividade contribui para o vínculo entre os indivíduos, já que para muitos mediadores e o processo de aprendizagem situa-se diretamente vinculado as interações sociais. Acerca da pertinência das interações e da afetividade, Miranda (2008, p. 2) enfatiza que:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

À vista disso, verifica-se a dimensão da relação entre o mediador e o educando, no qual se atribui por meio de demonstrações de afeto e por meio da comunicação. Estas questões fazem-se estimuladas no decorrer do estudo das asserções pertinentes às metodologias, momento em que, os educandos concedem inteirar-se integralmente acerca de todas as suas vivências fora do âmbito escolar.

Diante disso, os dados coletados por meio das respostas das professoras foram analisados qualitativamente com vistas à fundamentação teórica pertinente ao tema e representada por uma tabela. Já em relação às respostas sobre a questão de como se estabelece a relação das professoras com seus alunos, foram unânimes em destacar que são baseadas em um ótimo e saudável relacionamento, permeado pela confiança, comunicação, amizade e carinho recíprocos.

Nesse sentido, de acordo com as educadoras e através das fundamentações de Miranda (2008) o afeto entre o professor e o aluno promove o desenvolvimento da empatia, sendo um dos fatores essenciais na resolução de situações problemas, assim, o olhar se torna mais apurado e ocorre conseqüentemente uma melhoria nos resultados voltados à aprendizagem.

Outro aspecto notado diante das respostas das docentes e que está interligado nas teorias de Tassoni (2000), diz respeito à carência de atenção e afeto que muitas crianças apresentam, e pensando neste problema, é importante enfatizar que uma relação mais afetiva se faz necessária, o que reflete positivamente no comportamento social, no aprendizado do educando e na disposição em aprender, visto que desta maneira, o aluno aprende mais quando possui uma conexão com seu professor e sente confiança nele. Por conseguinte, o

professor também consegue entender realmente onde está a dificuldade de cada um de seus alunos.

Tendo em vista as respostas das educadoras, nota-se a relevância da expressão de afeto e da demonstração de preocupação pelos alunos, levando em consideração também, o diálogo sobre questões individuais, atribuindo abertura para se expressarem e para contarem algo que para eles tenha significado, considerando-as cruciais em cada uma das ocasiões e as conduzindo ao pleno desenvolvimento da criança.

Outro aspecto significativo à vista das respostas e conseqüentemente ligado aos princípios de Aquino (1996) é o reconhecimento dos alunos como indivíduos autônomos em busca de sua identidade, já que assim, torna-se possível transformar esta relação em uma conjunção do processo ensino aprendizagem. É importante que o educador se envolva e apresente interesse pelas experiências e vivências de cada um de seus alunos, acreditando e incentivando todos eles, dado que, através da demonstração de preocupação é que os alunos adquirem uma melhor aprendizagem, assim, conseqüentemente sentem confiança em seu professor para expressar seus medos, e não possuem vergonha de questioná-los quando estão com dúvidas. Por outro lado, também é fundamental que o educador manifeste cada conquista de seus aprendizes, possuindo consciência de como seus atos são extremamente significativos neste processo.

O diálogo também é um elemento crucial para o processo de ensino aprendizagem juntamente com a confiança, que conseqüentemente traz consigo a facilidade do pedagogo na identificação de questões que impedem o aprendizado efetivo das crianças e os bons resultados, visto que, somente uma relação baseada no profissionalismo não é capaz de cativar a atenção das crianças e nem de desenvolver um bom desempenho educacional. Além disso, a ética é uma figura influente na educação, visto que, no momento que o professor visa seu aluno como um ser individual, ele está trabalhando em prol da formação desse aluno.

É significativo compreender que a educação está impregnada de ética, em razão de todas as instituições e todos os indivíduos carregarem em suas vivências suas regras e valores. Contudo, levando em consideração a ética como ato de reflexão, identifica-se a pertinência de aplicá-la à relação professor-aluno, tendo em vista que esta mesma, deve estar provida de ações reflexivas e, ou seja, éticas.

Atentar-se para a inclusão da ética dentro do processo de ensino-aprendizagem é um posicionamento notável, visto que, por meio dela é que os conhecimentos são adquiridos. Porém, faz-se rentável explorar em como esta proposição apresenta-se abordada dentro da sala de aula e além disso, se está de fato fazendo-se desempenhada a incumbência essencial da ética. De acordo com Rios, (2011, p.94) “É o respeito-dele decorrem os outros. Respeitar implica, em primeiro lugar, reconhecer a presença do outro como igual, em sua humanidade”. Ou seja, diante de sua perspectiva o sentido de equidade e respeito são eixos norteadores dessa relação.

Ainda, de acordo com as palavras de Rios entende-se que:

A ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem.” À vista disso, o seu relato trata-se de uma reflexão crítica, em relação a moral, os costumes dos indivíduos e a escola, isto é, com a capacidade do professor de trabalhar rigorosamente pela transformação social, ele estará tratando diretamente com os educandos, intervir assim, para que esta ação reflexiva suceda. (2011, p.34)

Nos sentidos elencados acima sobre ética e moral, pode-se compreender que a relação professor-aluno se situa comprometida pela inquisição da ética. Isto posto, conforme Libâneo (2008, p.249), percebe-se que a relação professor-aluno faz-se tangida por uma dimensão crucial da estruturação da categoria didática, ansiando em alcançar os objetivos do processo de ensino, sendo eles: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, os hábitos e as habilidades, atentando-se que a ética, junto com a moral, estão incluídas dentro desses convenções.

De acordo com Cortella e o que expõe sobre ética,

Algo contrário a uma ética compartilhada e aceita”, O professor em sala de aula fala da importância da fila para a organização, e o quanto é antiético “corta a fila”, mas quando tem oportunidade de passar à frente de um idoso em uma fila, o faz. Desta forma, há um descontrole, um distanciamento entre o discurso e a ação. (CORTELLA, 2012, p. 108)

É fundamental não somente que a relação professor e aluno seja elencada pela totalidade de tratar a ética como uma prática, não como uma ênfase destituída, como também é significativo que o professor lecione por educação traçada dentro da ética e a empregue no processo de formação como o princípio de estímulos para reflexões

críticas de suas atuais e futuras intervenções. Contudo, nesse processo, o educando assimila e reproduz o que aprende dentro da sala d

e aula para a sociedade, em razão de que, o professor não situa-se apenas em proporcionar aprendizagem com suas palavras, mas também através de suas atitudes e de seus gestos.

Pensando nesta significação, é fundamental o que alega Freire no momento em que diz que:

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que eu mando e não faça o que eu faço". Quem pensar certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (2011, p.34)

Pensando neste contexto, Tassoni ratifica que:

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (2000, p. 3)

Ou seja, a aprendizagem está correlativamente interligada com a afetividade e ponderando esta relação identifica-se a relevância do mediador em adotar esta mesma perspectiva para se obter uma boa relação com seus alunos, que vai além de seu profissionalismo. Isto posto, é considerável atentar-se que a relação do professor com seu aluno detém em se respaldar ao respeito mútuo, sendo o fator principal em transformar a sala de aula em um espaço propenso à aprendizagem.

Desta maneira identifica-se de acordo com as respostas das professoras que a forma que as educadoras lecionam situa-se integralmente associada com a fundamentação de Freire (1989), na qual encontra-se respaldada em uma educação dialógica, ou seja, uma educação baseada no diálogo onde o papel do professor não apresenta-se somente em disseminar conhecimento, mas sim, conceber mecanismos para a construção do indivíduo, tendo em vista que, dentro da sala de aula o professor e o aluno aprendem juntos diante das metodologias e das vivências trazidas como bagagem.

TABELA DAS RESPOSTAS DAS PROFESSORAS

1 - Já faz quantos anos que você atua como professor(a)?	
Professor 1	19 anos.
Professor 2	12 anos (+ 3 de estagiária).
Professor 3	25 anos.
Professor 4	20 anos.

2- Você já trabalhou ou trabalha em outras escolas? Se a resposta for sim, quais escolas?	
Professor 1	Sim. Sou funcionária pública também na rede municipal de ensino de Colina SP e trabalho também na rede particular de ensino. Também na cidade de Itapema SC (neste estou de licença sem vencimento). Atuei em várias escolas em SC, são seis anos na Educação Infantil e 16 na rede pública lecionando no Ensino Fundamental.
Professor 2	Sim. Educadora de Educação Infantil efetiva na cidade de Barretos. No momento estou afastada sem remuneração para trabalhar no Colégio Cecília Meireles.
Professor 3	Já lecionei em escolas do estado e municipais. Atualmente trabalho na particular.
Professor 4	Sim. Inicialmente em uma escola particular de Educação Infantil (de 1999 a 2002) após esse período leciono até hoje no mesmo colégio.

3- Você trabalha com qual turma atualmente?	
Professor 1	Quintos anos e terceiro do ensino Fundamental.
Professor 2	2º Ano.
Professor 3	Coordenação.
Professor 4	Trabalho com as turmas de pré e primeiro ano fundamental.

4- Como é a sua relação com os seus alunos? Descreva-a.	
Professor 1	Em sala de aula tenho uma postura firme e exijo muito dos meus alunos, porém tento transmitir confiança e carinho, pois considero fundamental.
Professor 2	Muito saudável. Sinto que eles gostam de mim e isso me traz muita confiança. Sou muito comunicativa, procuro ser amiga das crianças. Assim eles me respeitam. Prefiro essa postura pois eles são mais felizes.
Professor 3	Relação de respeito e crescimento.
Professor 4	Tenho ótima relação. Procuro desenvolver uma relação de confiança e afeto e tenho bons resultados. Acredito que quando o aluno gosta e se sente apoiado e amado pelo seu professor, ele aprende melhor.

5- Você considera importante desenvolver afeto pelos seus alunos? Por quê?	
Professor 1	Muito importante, pois a criança aprende muito mais quando gosta do professor e sentem confiança nele.
Professor 2	Extremamente. Sinto que dessa maneira o aprendizado acontece de uma maneira mais completa. Existem crianças muito carentes de atenção e afeto e isso reflete no seu comportamento e aprendizado.
Professor 3	É de extrema importância a relação de confiança entre alunos e professores. Essa relação leva os alunos a terem mais disposição para aprender.
Professor 4	Com toda certeza. Para se identificar e solucionar problemas é necessário que haja empatia e quando essa empatia existe ela vem recheada de afeto e compreensão por cada aluno em suas particularidades. Quando existe afeto, nosso olhar se torna mais apurado e os resultados são muito melhores.

6- De que modo você expressa afeto por eles, se considerar importante?	
Professor 1	Demonstrando preocupação com seu desenvolvimento na aprendizagem e conversando sobre assuntos pessoais que considero importantes em cada caso.
Professor 2	Sempre converso olhando nos olhos deles, falou baixo, dou abertura para expressarem suas opiniões e até para contarem algo que tenha significado a eles, como o que fizeram no domingo, por exemplo.
Professor 3	Tenho o cuidado em reconhecê-los como indivíduos autônomos em busca de sua identidade. Esta relação é uma condição do processo ensino-aprendizagem.
Professor 4	Procurando sempre ouvir o que dizem e como se justificam mediante a situações diversas, participando e mostrando interesse pelas experiências e vivências extra escolares de cada um e principalmente acreditando e incentivando em todos os momentos. Se existe uma relação de afeto, lutamos até o fim, não desistimos do aluno.

7- Você observa alguma relação entre o aprendizado dos seus alunos e uma relação marcada pela afetividade? Explique.	
Professor 1	Acredito que a criança aprende melhor quando sente que seu professor realmente se preocupa com seu desenvolvimento na aprendizagem e com ela.
Professor 2	Sem dúvida. Eles gostam das minhas aulas, não tem medo nem vergonha de perguntar quando estão com dúvidas. Sempre vibro com cada conquista e tenho o cuidado de não deixar ninguém para trás.
Professor 3	Sim. O aluno precisa sentir-se seguro para poder desenvolver seu aprendizado, e é necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo.

Professor 4	Sem dúvida! Como já mencionei em questão anterior, o aluno que confia, que gosta, que dá e recebe afeto de seu professor, aprende mais, com mais qualidade e muito mais rápido.
-------------	---

8- Quando os seus alunos aprendem mais, ou seja, numa relação pautada pelo profissionalismo e distanciamento ou baseada no diálogo? Por quê?	
Professor 1	No diálogo sempre. As crianças de "hoje" precisam de um olhar atento ao seu desenvolvimento, ser só profissional não cativa a atenção deles.
Professor 2	Baseada no diálogo, pois expressam seus sentimentos e dúvidas em relação ao conteúdo explicado.
Professor 3	Evidenciou a importância da ética na educação. Quando o professor olha para esse aluno como ser humano individual, ele está trabalhando em prol da formação desse aluno.
Professor 4	Baseada no diálogo. Quando há diálogo, há confiança e se tem confiança é mais fácil identificar os possíveis problemas que impedem que o aprendizado seja efetivo e tenha bons resultados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos investigados pela pesquisa, possibilitou-se compreender a importância, a preocupação e a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, percebe-se como é marcante o meio evolutivo a fim das ações elaboradas, ferramenta essa, integralmente relevante para o funcionamento da inteligência significativa, que deve ser pertinente durante todo o processo escolar da educação básica, originando-se das competências gerais, desde os primeiros anos na qual a criança é inserida, levando em consideração que, é imprescindível o compromisso da família desde o nascimento do bebê.

Por intermédio, através da pesquisa de campo, as respostas foram todas similares, em razão de todas as professoras já desenvolverem esse método na sala de aula, que perfaz como integrante inseparável no processo de construção do conhecimento, embasada na convivência entre professor e aluno, transmitindo confiança, liberdade de troca de diálogos, amizade, carinho, compreensão, respeito mútuo e regalias de expressão de sentimentos, sendo primordial ter a sensibilidade para ouvi-los, apoiá-los e conseqüentemente a reciprocidade, procurando superar os empecilhos diários que retardam a aprendizagem, por meio da afetividade motivacional e facilitadora, o aluno apresenta maior disposição e interesse em

aprender, potencializando a autoestima, e a autoconfiança devido a presença da conexão com o educador, assim, proporcionando um ambiente mais saudável e adepto a aprendizagem, portanto o professor como mediador das aulas e o aluno como sujeito ativo.

Nota-se que ao estabelecer essa relação afetiva, o educador estará assegurando a bagagem afetiva que os alunos já carregam e as experiências trazidas de casa, mas que constata-se que a atribuição do professor é relevante para as novas transformações a serem proporcionadas, tendo em vista que o mediador é um “espelho” para as crianças.

Portanto, conclui-se que a interação social, não somente entre professor e aluno, mas também com a família e sociedade é fundamental, pois, quando há empatia, há um vínculo de amizade, de importância e de valorização dos sentimentos e das ideias para todo desenvolvimento humano, na medida em que ocorre o desenvolvimento dessa dimensão da influência afetiva dentro da escolarização.

Assim, ampliando gradativamente o espaço, beneficiando as relações interpessoais e fortalecendo as viabilidades para o entendimento e aquisição de forma significativa, sendo capaz de transformar a vida dos alunos através do processo educativo, e desta forma, a educação não muda o mundo, mas muda as pessoas, que tem o poder de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 8. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1990.

AQUINO, J. G. **Confrontos em sala de aula**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

ARANTES, A. & AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4ª. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2003.

BARIANI, I. C. D., & PAVANI, R. (2008). **Sala de aula na universidade: espaço de relações interpessoais e participação acadêmica**. Estudos de Psicologia.

BORBA, Alessandra Rodrigues da Silva. **A importância da afetividade na aprendizagem**. 33f, Paraná, 2015. Monografia (Especialização em Educação: métodos e técnicas de ensino) – Universidade Tecnológica do Paraná, 2015. Disponível em:

<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193303.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos; orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. Ed. Brasília, 2007.

CALDEIRA, J. S. **Relação professor-aluno**: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Curitiba: EDUCERE, 2013. Disponível em: https://www.educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Qual a tua obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 19. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, Antônio Eugenio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro. Wak. 2008.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LEITE, S. A. da S; TASSONI, E. C. M. (2002). **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. In R. Azzi, & A. M. Sadalla (Orgs.), Psicologia e Formação Docente (pp. 113-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 15 outubro de 2020.

MIRANDA, Elis. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade**. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

MORALES, P. **A relação professor-aluno**: O que é como se faz. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MOREIRA, Beatriz Buzzo; JÚNIOR, Renato Cezar Silvério. **Importância da afetividade na aprendizagem**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 4 (1): 199-213, 2017. Disponível em: Acesso em: 22 mar. 2018.

PERRENOUD, Philippe. Não mexam na minha avaliação! Para uma aprendizagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. **Avaliações em educação: novas perspectivas**. Porto, Pt: Porto Editora, 1993, p.173.

PIAGET, Jean. **Psicologia e da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. **O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano**. In: DESSEN, M. A.; JUNIOR, A. L. C. (org.). *A ciência do desenvolvimento humano. Tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 71-89.

REGINA, R.; CAPELASSO, M.; NOGUEIRA A. S. **Afetividade e aprendizagem**. 2013.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e Competência**. – 20. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira; SILVA NETO, Demuniz Diniz da. **A afetividade na aprendizagem dos alunos**. 13 f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura plena em Pedagogia) – Faculdade de Ciências Educação e Teologia do Norte do Brasil. Roraima, 2011. Disponível em: Acesso em: 06 outubro de 2020.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno**. In: *Psicologia, análise e crítica da prática educacional*. Campinas: ANPED, 2000.

WINICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.